

## **OS TRIBUNAIS KAFKANIANOS E AS PORTAS TEBANAS: UMA METÁFORA ACADÊMICO-FICCIONAL**

Cristina Novikoff - Unigranrio

Sergio da Silva Batista

A proposta deste artigo é discutir a metáfora enquanto dimensão necessária na construção do discurso para análise textual acadêmica. Inicia-se pela noção do conceito de metáfora e encerra-se com a análise metafórica do personagem Josef K e sua trajetória no livro *O processo*, de Franz Kafka, com a realidade dos textos acadêmicos. Trata-se de vivência e aprendizado experienciados nas aulas de metodologia de pesquisa científica dentro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Representações Sociais na/para Formação de Professores - LAGERES-UNIGRANRIO, onde se estuda e se experimenta métodos diferenciados para promover a diversidade e a criatividade estruturante, sem fixação, da análise interpretativa de textos.

**Palavras-chave:** linguagem; metáforas; análise textual.

## **COURTS AND DOORS TEBANAS KAFKAESQUE: A METAPHOR ACADEMIC-FICTIONAL**

The proposal of this article is to discuss the metaphors as a necessary dimension in the speech construction for the textual analysis at the academy. It begins with the notion of the concept of metaphor and ends with the metaphoric analysis of Josef Kafka and his journey found on the book "The Process" with the reality of academic text. It's about experienced learning and living during Methodology of Scientific Research classes in the laboratories of Social Representations Studies and Researches in the / to teacher's formation, graduation-UNIGRANRIO, where different methods are studied and experienced to promote the diversity and the structural creativity, without determining the interpretative analysis of the text.

**Keywords:** language, metaphors, textual analysis.

### **Introdução**

*A metáfora (...) destaca-se dentre as figuras de linguagem, vista hoje em dia não como ornamento do discurso, nem somente como variante condensada da comparação, mas, principalmente, como atividade criadora, ou melhor, recriadora da linguagem (CASTRO, 1978, p.4).*

A metáfora, como nos mostra a epígrafe, denota sua força enquanto recurso linguístico na compreensão dos mecanismos da fala e no processo de interlocução. Força esta de determinação no pensar e agir dos sujeitos.

Dos diversos usos propiciados pela linguagem metafórica e suas mais variadas interpretações, um deles é permitir ao leitor abstrair os significados que ele deseja, compreende e se sensibiliza, pois não se prende apenas ao código. São modificações internas de significados processadas através da mudança de sentido e de uma sequência lógica de ideias.

Vários autores, segundo Castro (1978), abordam o tema metáfora, como por exemplo, Mattoso Câmara, Aristóteles, Jakobson, Vianu, Carvalho, Coseriu, entre outros. Esses discorreram sobre a metáfora descrevendo-a e a classificam, dividem, subdividem estabelecendo a função e o conceito, tal como hiperbólica, analógica, pura, explicitada etc. Este trabalho segue pela linha da metáfora como meio de dissimular, encobrir e criar impressões e sentimentos cujos julgamentos dar-se-ão nas analogias entre o universo ficcional kafkiano e outras linguagens e traz os entendimentos acerca de metáforas contidos em Castro (1978) e Vereza (2007).

Logo, ao mudar o sentido do código, pode ser utilizada – a metáfora - da maneira mais apropriada aos interesses de quem dela faz uso, sejam eles ideológicos, persuasivos, cotidianos, como discursos em contextos de inclusão e/ou exclusão social.

Nas práticas acadêmicas e nos diversos tipos de textos, o uso desses recursos por seus autores está diretamente ligado a diversos fatores, sejam eles internos ou externos. Os relativos aos aspectos internos, por exemplo, temos a possível deficiência na utilização da norma culta ou o grau de instrução. Em relação aos fatores externos, temos o ensino recebido ou a formação acadêmica, o interesse financeiro, entre outros determinantes, e ao reproduzi-los, consciente ou inconscientemente, podem demonstrar aceitação, inserção ou divulgação de ideologias.

A proposta contida ao longo do artigo em tela é justamente a de compartilhar uma estratégia resultante de experiência vivenciada na análise interpretativa de diferentes textos dissertativos oriundos de um Curso de Direito, no LAGERES-Unigranrio, articulando metáforas ao texto ficcional denominado *O processo*, de Franz Kafka.

### As metáforas em Kafka

Com o intuito de esclarecer como a metáfora kafkaniana está presente nos textos dissertativos, mister contextualizar a vida do autor e, principalmente, o livro *O processo*. Nesse sentido, vale destacar que a linguagem utilizada em sua obra reflete as marcas do que acontecia na Europa entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, assim como as influências e atribuições de sua formação familiar, cuja figura paterna foi determinante na construção de seu caráter e personalidade.

Tu, ao contrário, um verdadeiro Kafka na força, na saúde, no apetite, na potência da voz, no dom de falar, na autossatisfação, na superioridade diante do mundo, na perseverança, na presença de espírito, no conhecimento dos homens, em certa generosidade, naturalmente também com todos os defeitos e fraquezas que fazem parte dessas qualidades, nas quais teu temperamento e por vezes tua cólera te precipitam. (Carta ao Pai, p. 12, 2001)

*A metamorfose* (1915), *Carta ao pai* (1919), *O processo* (1925), e *O castelo* (1926) compõem a coletânea que se convencionou chamar de clima kafkaniano, devido ao desconforto e à irrealidade que os personagens (que para alguns críticos são autobiográficos) passam por nunca conseguirem completar suas tarefas ou saírem de seus labirintos psíquicos e/ou mentais.

Nesse período, o continente europeu vivia às voltas com as revoluções e guerras que mudariam o panorama mundial. Interesses religiosos, militares, econômicos, sociais ora eram convergentes, ora divergentes. Fronteiras eram desmarcadas, governos derrubados, alianças formadas, trabalhadores revoltando-se contra as máquinas, a burguesia querendo mais espaço, o êxodo rural para compor a mão de obra operária (AQUINO, 1980). É nessa época de

grandes transformações que nasce em 1883, na cidade de Praga, na ocasião pertencente à Áustria-Hungria, Franz Kafka. Sua família era judia, mas ele escrevia em alemão, apesar de ser alfabetizado em tcheco, sua língua natal.

O cenário de onde Kafka emerge e vivencia valores, conhecimentos, normas e todo o magma de um imaginário instituído se apresenta junto com

[...] as constantes alterações na geopolítica europeia oriundas dos avanços proporcionados pelas novas descobertas tecnológicas, iniciadas na Revolução Industrial, ocorrida inicialmente na Inglaterra. Concomitantemente estas alterações provocaram um processo de transformação na organização social que mudou as formas de produzir, transportar e comercializar mercadorias e preparou o terreno para profundas alterações no modo de viver e trabalhar das pessoas. Estas alterações expandiram-se rapidamente e com elas as relações do trabalho com o capital, expondo suas mazelas, principalmente nas grandes cidades (AQUINO, 1980, p.290).

A instabilidade instaurada na Europa nesse período foi metabolizada por Kafka. As perseguições às minorias, a questão racial, a neurose urbana criada pelos avanços tecnológicos, o sufocamento pessoal causado pela burocracia estatal que impedia o cidadão de exercer seus direitos, a insegurança do trabalhador em perder seu emprego, o aumento da pobreza e da falta de perspectivas, somando aos seus problemas familiares, principalmente com o pai, foram temas que ajudaram a criar o universo kafkaniano<sup>1</sup>, retratando a sua realidade e a de várias sociedades da época.

### **O Processo: a construção do arcabouço**

Torrieri Guimarães, no prefácio do livro *O processo*, assim define a obra de Kafka com Freud,

[...] a análise psicanalista domina todo o romance moderno, de Knut Hamsun a Stefan Zweig, de Zola a Sartre, de Steinbeck a Faulkner, de Aluisio de Azevedo a Graciliano Ramos, porém a angústia que Dostoievski introduzira como elemento convivente da natureza humana ninguém a sentiu e a transmitiu mais profundamente do que Franz Kafka. (KAFKA, 2007, p. 11)

O protagonista da história, Josef K., um cidadão comum, funcionário de confiança em um banco, no dia de seu aniversário é detido em casa por motivos que desconhece, por uma justiça igualmente desconhecida, julgado por um tribunal burocrático e corrupto e condenado à morte, o que ocorre. “Alguém devia ter caluniado a Josef K., pois sem que ele tivesse feito qualquer mal foi detido certa manhã.” (KAFKA, 2007, p. 39). Os juízes e toda ordem jurídica são obscuros, distantes e misteriosos. Perdido, Josef K. tenta durante toda a narrativa entender os seus acusadores, mas em momento algum questiona o motivo pelo qual fora detido nem demonstra interesse para saber qual o crime que cometera.

Há na narrativa este afastamento da vontade de saber a verdade, o sentimento de culpa e de incompetência, a angústia e a fragmentação, o vazio, a solidão e a inércia provocados pela ausência de uma possível lógica, fatos que nos remetem à forma como a sociedade trata a condição humana, condenando constantemente, cobrando posturas e razões que muitas vezes nem ela mesma sabe para que sirvam, impondo regras e sofismas, e aqui representada metaforicamente pelo Tribunal, este mesmo que julgou e condenou K. à morte.

O indivíduo que tenta ser autônomo, livre dos paradigmas, da comparação, dos protótipos sociais, que tenta mostrar ou seguir um caminho alternativo dos modelos construídos sócio-historicamente, que atua de forma a mudar, a romper as amarras que o querem colocar no lugar comum, mantendo-o em seu espaço físico e psíquico, dizendo-lhe impiedosamente que ele não nasceu para crescer, imputando-lhe a responsabilidade de carregar o fardo do fracasso, não consegue resistir à força dos padrões e modelos instituídos por uma sociedade opressora e capitalista. É uma sociedade de valores voláteis, descuidada do futuro, egoísta e hedonista. Tende a destruir o que já fez, tolerar a fragmentação, confiar e gostar de viver na desordem, tem ligações frouxas e compromissos revogáveis (BAUMAM, 2007).

O cruel é que quem não participa desta sociedade, ou porque não quer ter estas “qualidades” ou por não ter oportunidade de se incluir nela pelos mais variados motivos, sejam eles a falta de escolaridade, de qualificação, má

formação educacional etc., tem poucas chances. Participar do jogo não é uma escolha, mas também o sujeito não tem a opção de ficar de fora.

E entre um e o outro está um deserto, um vazio, um amplo abismo do qual só uns poucos mostrariam a coragem de saltar fora por vontade própria, sem serem empurrados. As poderosas forças do capitalismo, que entre elas está a autopreservação, se combinam para segurar os inquietos e estancar a inquietude dos descontentes.

Os suficientes impetuosos ou desesperados que tentam desafiá-las são rejeitados e excluídos e pagam por sua audácia com custo da miséria e do trauma (BAUMAM, 2007).

Franz Kafka, durante sua vida, em virtude do que passou principalmente com o pai, foi incompreendido justamente porque mergulhou nas profundezas da alma humana e de lá mostrou toda a sua fragilidade, inclusive a sua, e parte de sua obra só não foi destruída a seu próprio pedido porque Max Brod, um dos poucos amigos, não o obedeceu e guardou os originais. O reconhecimento de sua genialidade só ocorreu nos anos 60, muito tempo além de sua morte. (BENTANCUR, 2009)

As relações de convivência de Josef K. com os personagens corroboram tais afirmações. Sua locadora é educada e cortês até o momento em que é detido. A vizinha pela qual Josef K. nutre simpatia afasta-se. Os guardas que foram detê-lo assumem postura antagônica quando têm que cumprir as ordens, ora complacentes ora amigáveis. O tio, o advogado, o Sr. Block que vive das migalhas jurídicas a ele atiradas pelos funcionários do tribunal, empregada do advogado que lhe propõe acordos de visita com intenções íntimas, o diretor do banco que de forma velada quer a saída de K. do banco, a visita à catedral e as revelações do sacerdote, que o chama pelo nome e insinua que conhece o seu processo indicam a realidade do protagonista.

### **Os tribunais: as metáforas de uma realidade**

Na narrativa de *O processo*, o tribunal indicado para realização do julgamento de Josef K. é tão difuso e obscuro quanto ao próprio processo, assim como os personagens caricatos criados por Kafka. As descrições pessoais, psicológicas, dos ambientes físicos, dos meandros para não ser identificado pelos moradores fogem totalmente das possíveis características que um Tribunal de Júri tem em ostentação, rigor, altivez, dignidade e prestígio, como a protestar, negar e até zombar daqueles encarregados em julgá-lo. Deste modo, “o tribunal onde se realiza o primeiro interrogatório é uma casa de loucos, onde a mulher do oficial de justiça mantém relações com o juiz, e as principais dependências estão no sótão.” (KAFKA, 2007, p.31)

Em algumas passagens da narrativa e analisando a vida do autor, percebe-se uma provável mistura entre o personagem e seu criador, quase uma autobiografia, daí corroborarem a desilusão e a desconfiança que Kafka tinha nas instituições oficiais de Praga, fazendo uma crítica ao modelo social imposto pelo capitalismo gerador de miséria e que massifica o homem, colocando-o em dois grupos, consumidores e consumidos.

O ambiente inóspito e tumultuado, cujas ações confundem o leitor, pois tenta encontrar uma organização mínima para assim entender e compreender porque e onde está o tribunal, traz consigo diversas simbologias. A casa onde está instalado contém metáfora com a vida e com o que acontece até hoje, haja vista Josef K. poder ser, por suas características e ações, um homem contemporâneo, atual.

A casa em questão estava bastante longe; tinha um portal extraordinariamente amplo e alto e toda ela era de grandes dimensões. Evidentemente tratava-se de um grande depósito de mercadorias de lojas, que enchiam o grande pátio e que traziam rótulos com os nomes das firmas, algumas das quais K. conhecia pelo seu trabalho no banco. (KAFKA, 2007, p. 70)

O que é este depósito senão a representação física do Tribunal como metáforas e as mercadorias seus ocupantes, sejam eles da defesa ou da acusação, juízes ou réus? E as lojas, uma alusão às regras, às leis? O grande pátio não seria a sociedade onde os embates ocorrem? E os rótulos, uma referência ao modo de vida das pessoas? As firmas, no tocante aos seus padrões sociais? No decorrer de toda a narrativa, Josef K. tem a preocupação de desmerecer os personagens dos tribunais, fisicamente e ideologicamente,

através de ataques diretos permeados de críticas ao caráter e a formação de seus algozes.

Há o possível sofrimento com estes diversos *tribunais*, com seus julgamentos e sentenças permeadas por ideologias em todas as esferas e níveis. Os da vida, cuja cobrança recai sobre as possíveis crises existenciais potencializadas pelas questões religiosas, econômicas, sociais as quais levam o homem a questionamentos sobre suas origens, razões, sentimentos, relacionamentos, profissão, alegria, tristeza, amor, opções, identidade, etc., deixando-o confuso e impotente a respeito do que acontece em seu interior, pois tenta entendê-los e não consegue.

As sentenças sociais impostas criam um homem letárgico. Sua inércia é latente e suas respostas padronizadas. Poucos são os que querem ou desejam entrar com recursos nos superiores tribunais da vida para tentarem mudar ou simplesmente questionarem estas imposições. Josef K. é um deles. A preferência é a aceitação, a resignação, a mansidão. Abdica de seu direito de saber o motivo da condenação e opta em somente se defender. Igual aos milhares de Josefs K. encontrados na sociedade.

### **As portas metafóricas da vida**

Ao considerar que “um signo é um fenômeno do mundo exterior” (BAKHTIN, 1992, p.33), entendemos que para compreendê-lo é necessário fazer relações com outros signos já conhecidos, internos ou externos, e que na cadeia da criatividade ideológica os signos deslocam-se para outros signos, criando assim novos signos, é possível afirmar o caráter dialógico da palavra, deixando de ser apenas vernacular, onde se constrói uma rede de analogias com os diversos enunciados, com as diversas ideologias.

Logo, por esta seara, as metáforas, que neste estudo são as portas, podem adquirir vários sentidos, principalmente pelo fato de que todo signo reflete e refrata outra realidade, que será dada por quem o compreende ou por que dele faz uso, podendo aceitá-lo, negá-lo, transformá-lo de acordo com o

interesse da classe dominante ou por seus próprios interesses, ressignificando o código e dessimbolizando a ordem.

Por essas assertivas, é possível, metaforicamente, designá-las como as portas da lei, pois para os desavisados ou simplesmente para aqueles que não têm acesso “as portas”, podem indicar insegurança, instabilidade, impossibilidade jurídica, assim como ocorreu com Josef K, pois são nestas imagens kafkanianas visíveis em *O processo* que advêm as possibilidades de novas interpretações do que a lei oferece e para quem ela se direciona, criando os dualismos regula/não regula, limita/não limita, exerce/não exerce sua função.

Os protagonistas desta ficção agem como guardiões das portas: zelam, intencionalmente ou não para que fiquem abertas à lei e para quem por elas podem passar. Os conflitos se resolvem na base de interesses e influências pessoais, no exercício de poder sócio-político-econômico e suas decisões e/ou ações apenas legitimam o que não pode afetar “os tribunais”.

Logo, aqueles que percebem e aplicam a natureza das ressignificações das metáforas e dela fazem uso na construção de um argumento com coesão e coerência, conseguem dar mais expressividade ao que escrevem e serão os mesmos que, possivelmente, obterão sucesso na vida e ocuparão as cadeiras dos “tribunais”

Em *O processo*, há um grande portal na entrada dos tribunais, imponente, distorcido da realidade mostrada na narrativa, como se houvesse a necessidade de parecer melhor sob os olhos que por ele passam. “A casa em questão estava bastante longe; tinha um portal extraordinariamente amplo e alto e toda ela era de grandes dimensões.” (KAFKA, 2007, p.70)

Logo, as “portas e o portal” assumem novos significados, saindo do denotativo, dicionarial e assumindo novas funções de sentido, mais conotativas, e entre elas, os construídos pelas metáforas.

Sendo assim, não há como negar as sucessivas “portas” que tentamos abrir na vida. Umas conseguimos, outras nem se abrem. A elas, de acordo com cada indivíduo, será dada uma importância maior ou menor, uma valoração mais intensa ou um descaso frente ao revés.

## As metáforas nas dissertações

A linguagem contida na obra *O processo* de Kafka e a utilizada nas dissertações dos cursos de Direito, pois ambas, em seus devidos espaços e intenções, são herméticas e não possibilitam o entendimento logo na primeira leitura.

Isto é fato percebido através da quantidade de dissertações que trouxeram para a formação de seu *corpus*. A linguagem rebuscada (46%) é alicerçada em períodos longos, parágrafos extensos, termos metatécnicos ou até mesmo arcaísmos desnecessários.

A utilização deste recurso possivelmente indica ou esconde falhas estruturais, de conhecimento, de formação da base acadêmica, pois ao fazê-lo, cria-se um distanciamento com a realidade acadêmica até mesmo para seus pares. Exige mais do leitor, requer noções mais profundas dos termos, cobra uma postura linguística que muitos podem não tê-la por diversos motivos, enfim, não se percebe ou é difícil perceber a responsividade textual. Após análise de cinquenta dissertações de mestrados em Direito, obtivemos as seguintes leituras:

46% dos textos lidos apresentaram um nível de linguagem extremamente técnico-jurídico, com excesso de citações de autores, de palavras em latim e termos arcaicos, como o exemplo abaixo:

### Resumo

O presente estudo objetivo analisar a teoria estruturante da norma jurídica desenvolvida por Friedrich Müller, com ênfase na estruturação metódica dos elementos normativos reunidos sob a formulação programa da norma e âmbito da norma. Discute-se a questão sobre a existência de uma única ou mais de uma resposta correta para cada problema concreto. Apreciam-se as posições positivistas, desde a única resposta correta até a multiplicidade insindicável de respostas corretas em Hans Kelsen; as contribuições de Ronald Dworkin; os procedimentalismos de Habermas e de Günther; o suposto caráter alográfico do direito; a possibilidade de múltiplas respostas corretas na teoria estruturante. Superam-se de vez as separações entre interpretação/aplicação e justificação/adequação. Criticam-se os principiologismos. Busca-se a ressubstancialização da constituição e a repolitização do direito, com a inclusão dos conflitos sociais no jogo especificamente jurídico. Assim, também com a justiciabilidade que naturalmente desloca a tensão em direção à ação do Poder Judiciário. Analisa-se a necessária concretização metodológica do controle abstrato de constitucionalidade. Aborda-se a passividade procedimental dos juízes e a evolução da correção funcional constitucionalmente determinada pelo estado de bem-estar social, analisando as características emancipatórias típicas deste e as suas correlatas exigências de ação aos agentes estatais. Apresenta-se a viragem epistemológica da “pós-modernidade” e a necessidade de construção de “minirracionalidades” capazes de superar os déficits de

realidade inerentes ao esquema sujeito-objeto da modernidade. Ao final, chega-se ao estuário das percepções até então empreendidas, com a análise de que o direito brasileiro efetivamente positivado tem caráter emancipatório e comprometido com a gramática dos direitos humanos, tendo a Constituição Federal de 1988 fundada um autêntico Estado Democrático e Social de Direito. Propõe-se que as teorias jurídicas que pretendem ultrapassar o positivismo, quanto mais conectadas aos novos pressupostos epistemológicos, terão mais e melhores condições de realizar o projeto constitucional, com destacado papel ao concretismo normativo nos moldes da teoria estruturante do direito.  
(D\_02\_NE\_F\_Pri\_2006)

As dissertações que se serviram da linguagem acadêmica, 32% mostraram a preocupação com o texto mais objetivo, compatível com o nível exigido numa especialização desta natureza. Apesar de menor número, foram as que, por coincidência ou não, indicaram uma solução ou caminho para a situação-problema, ou seja, estão na categoria das dissertações críticas, exemplificada abaixo:

#### Resumo

A dissertação busca analisar alguns aspectos do contrato de consumo eletrônico (realizados por meio da Internet), especialmente no que se refere à tutela dos direitos do consumidor, tendo em vista as repercussões do tema nas atividades econômicas e sociais. Procura demonstrar que se aplicam às relações de consumo virtuais as regras do Código de Defesa do Consumidor e, subsidiariamente, do Código Civil, sendo desnecessária a criação de normas específicas sobre a matéria. Sob o enfoque econômico, o estudo demonstra que no âmbito virtual, além da relação jurídica entre o consumidor e o fornecedor, existe uma série de outras relações de consumo entre os próprios agentes da cadeia de fornecimento, com reflexos diretos na questão da responsabilidade, à luz da corrente maximalista, que interpreta extensivamente o conceito de consumidor no Direito brasileiro. Sob o ponto de vista social, salienta a necessidade de se tutelar os direitos do consumidor no comércio eletrônico, resguardando-se, assim, o princípio da dignidade da pessoa humana, o qual garante a proteção da parte vulnerável da relação de consumo, conforme os ditames da justiça social. Nessa esteira, o presente trabalho destaca a necessidade de se estabelecer um novo paradigma da confiança no comércio eletrônico, tendo como fundamento o princípio da boa-fé objetiva, do qual se extraem outros princípios, tais como o da informação e da transparência que impõem deveres anexos àqueles que oferecem seus produtos e serviços na rede, desde a fase pré-contratual até a conclusão do contrato.

Sob o enfoque econômico, o estudo demonstra que no âmbito virtual, além da relação jurídica entre o consumidor e o fornecedor, existe uma série de outras relações de consumo entre os próprios agentes da cadeia de fornecimento, com reflexos diretos na questão da responsabilidade, à luz da corrente maximalista, que interpreta extensivamente o conceito de consumidor no Direito brasileiro. Sob o ponto de vista social, salienta a necessidade de se tutelar os direitos do consumidor no comércio eletrônico, resguardando-se, assim, o princípio da dignidade da pessoa humana, o qual garante a proteção da parte vulnerável da relação de consumo, conforme os ditames da justiça social. Se de um lado a Internet traz benefícios ao consumidor, por aumentar sua liberdade de escolha, ampliando seu acesso a um grande número de fornecedores em um curto espaço de tempo, de outro, o consumidor fica mais vulnerável e sujeito às práticas comerciais difundidas no ambiente virtual. Além da vulnerabilidade técnica, com relação ao acesso e controle das informações transmitidas pelo fornecedor, a própria linguagem digital utilizada no ato da contratação aumenta sua desvantagem na negociação. (D\_06\_S\_F\_Pri\_2007)

Os 12% enquadrados nas simples não significam que sejam piores. Estão nestes descritores porque é visível a ausência da preocupação acadêmica em apresentar um meio termo entre o vocabulário acurado e o prolixo, observados a seguir:

#### Resumo

O presente estudo tem como objetivo demonstrar a constitucionalidade da política de ação afirmativa para o ingresso de afro-brasileiros nas universidades, a partir da leitura constitucional do princípio da igualdade, dos tratados internacionais de direitos humanos e de uma série de outros dispositivos constitucionais e infraconstitucionais, os quais não só amparam como também incentivam a adoção da medida. A introdução nas universidades públicas brasileiras das políticas de ação afirmativa da espécie cota para o ingresso de afro-brasileiros no ensino superior gerou grande polêmica sobre a igualdade racial no Brasil, após a Constituição de 1988. O movimento negro e o poder público têm debatido sobre como deveriam ser estas ações na educação, na comunicação social, no emprego, nas licitações públicas, muitas vezes sem consenso sobre quais seriam as melhores formas de políticas a serem praticadas. Para entender esse debate, a sociedade e o governo têm de compreender as razões históricas da discriminação racial no Brasil. Para os defensores de cotas como espécie de ação afirmativa na educação superior, o sistema republicano, consolidado após a Abolição da Escravatura, aprofundou as desigualdades raciais no Brasil ao adotar uma neutralidade sobre o legado da escravidão afro-brasileira, ao desenvolver e cultivar a ideologia da “democracia racial” e do “homem cordial” nos trópicos em oposição ao racismo direto e legal existente nos Estados Unidos e na África do Sul. A República ocultou, por meio da neutralidade jurídica e da omissão do Estado, a necessidade de incluir na democracia o exercício da cidadania dos libertos no dia 13 de maio de 1888.

O acesso dos negros à universidade pública gratuita e de qualidade é questão de justiça e de nova postura no direito nacional, com reconhecimento do papel do aparato legal na construção da desigualdade racial, na manutenção desta desigualdade e na resolução jurídica do principal desafio das diretrizes constitucionais, a igualdade de fato e de Direito. (D\_01\_S\_M\_Pu\_2007)

Nesta dimensão foi possível observar a variação linguística de cada dissertação e verificar que o uso da linguagem pode influenciar diretamente na qualidade do conteúdo apresentado, dando-lhe ou não um status de prestígio.

#### Algumas conclusões

Com uma linguagem elíptica<sup>2</sup>, metafórica<sup>3</sup> simbólica, Kafka constrói um ambiente hermeticamente fechado, sufocante, angustiante no tocante à impossibilidade de resolver os problemas, de sair do labirinto psicológico. É um convite intrigante e desafiador à interpretação e compreensão de sua obra. O leitor desavisado de Josef K. em *O processo* pode não entender as analogias com caminhos tortuosos por ele escolhido para demonstrar o quanto foi julgado

(pelo pai e até por ele mesmo), censurado mesmo que de forma implícita (já que ele ficou detido e pôde realizar suas tarefas normalmente).

Castro (1978, p.80 *apud* VIANU, 1971) nos estudos sobre as funções da metáfora indica que na “função estética, o autor citado engloba a sensibilizadora, a dissimuladora, a potenciadora e a unificadora”. Deste modo, “um dos objetivos da função estética consiste em tornar mais viva a manifestação de um estado de alma, uma atitude emotiva, por isso subjetiva, diante da realidade (CASTRO, 1978, p.83).

É notório o valor duplo dado por Castro que além da exteriorização de impressões e de sentimentos e dos juízos de valor, atende ao propósito de “encobrir ou dissimular essas mesmas impressões e sentimentos, dado que, muitas vezes, não desejamos ou não nos atrevemos a expressá-las francamente” (CASTRO, p. 80, 1978).

Em *O processo* existe uma relação de Kafka com a especificidade de seu contexto histórico, onde as ações são inacabadas, os contextos são criados e deixados pela metade, onde o início provoca inquietação e cujo protagonista sente-se inútil diante da intimação, do julgamento e da condenação por algo que não sabe os porquês, as comparações com o cotidiano humano são inevitáveis, haja vista estarem muito próximos daquelas que vivenciamos nas mais diferentes esferas de relacionamentos, sejam elas profissionais, acadêmicas, domiciliares ou outro.

Sentir-se angustiado diante de um desafio, destrutado diante dos familiares, incompreendido pelo seu professor, negado profissionalmente, iludido por falsas promessas não são privilégios apenas de Josef K. É possível encontrar em quaisquer ambientes e situações a possibilidade do homem ser julgado e condenado sem que ninguém a ele dê satisfação, criando as mesmas reações.

Por outro lado, a falta de interesse do protagonista em saber realmente os motivos do processo é latente. Ele busca apenas entendê-lo e a partir daí elaborar sua defesa. Ora, esta não é a postura ideal para um acusado e condenado sem motivo aparente. Então por que tamanho descaso? A explicação mais plausível é a herança moral nefasta que seu pai deixou ao não

reconhecer em Kafka seus valores, mostrando apenas a sua inutilidade, "que fazia ostentação de seu físico avantajado para subestimar o filho" (BENTANCUR, 2009).

Portanto, percebemos que as imagens dos tribunais em *O processo*, nos remetem às metáforas como estudadas por CASTRO (1978), ou seja, encobrir, dissimular sentimentos. São juízos de valor ora explícitos, ora implícitos, mas sempre presentes e constantes nos textos, nas relações entre os sujeitos. Entendê-los e compreendê-los faz parte da natureza humana. Assim como a metáfora é a figura de linguagem que faz uma comparação entre dois termos ou duas idéias facilmente identificáveis, interpretemos nossas portas e tribunais não como coisas ruins, maléficas, kafkanianas, mas como algo desafiador a ser superado, a ser compreendido e, se for necessário, ser desprezado.

## Referências

- AQUINO, Rubim Santos Leão e outros. História das Sociedades – Das sociedades modernas às Sociedades atuais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- BAKTHIN, Mikhail (V.N Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. – São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAUMAN, Zygmund. *Vida Líquida* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BENTANCUR, Paulo: *Os Três Pais*. – São Paulo, Atual, 2004.
- CASTRO, Walter de. *Metáforas machadianas*. – Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* – Rio de Janeiro: Brasiliense, 1980.
- CRUZ, Celso. *Metamorfoses de Kafka*. – São Paulo, Annablume/Fapesp, 2007.
- KAFKA, Franz. *O Processo*. – São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.
- NOVIKOFF, C. *Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa*. In ROCHA, J.G. e NOVIKOFF, C. (orgs.). *Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade*. - Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, 2010.
- SILVA, Sergio Batista da. *A linguagem e as metáforas nas dissertações dos cursos de direito: uma análise interdisciplinar*. – Dissertação de Mestrado – Unigranrio – Duque de Caxias, 2011.
- TORRIERI, Guimarães. Prefácio In: KAFKA, Franz. *O processo*. Martin Claret, São Paulo. 2007.

VEREZA, Solange Coelho. Metáforas. *Revista Linguagem em (dis)curso*. – Niterói, 2007. v. 7, nº 3.

#### Notas

<sup>1</sup>A denominação é pertinente porque o leitor sente-se envolvido, instigado, convidado a penetrar neste mundo equidistante, e próximo ao mesmo tempo, entre realidade e a fantasia, movendo-se de um lado para o outro, inquieto com a pseudo-razão demonstrada por personagens paradoxais, cujas ações ora são fortes, ora são frágeis. A letargia de suas ações é a marca de Kafka em sua obra justamente para proporcionar as diversas leituras e interpretações, os vários enunciados, permitindo circular com destreza nas mais diversas áreas do conhecimento, sejam elas Exatas ou Humanas. É um homem plural, diverso, metafórico. (Nota dos autores)

<sup>2</sup> Elipse é a omissão espontânea ou voluntária de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir. (CUNHA, 1979. p. 575).

<sup>3</sup> A definição mais simplista para metáfora que ela é um tipo de comparação sem a palavra como. Entretanto, nos últimos anos vários estudos sobre seus significados e aplicações semânticas ao texto têm mostrado que não é somente mais uma figura de linguagem. Daí entendê-la como sendo uma linguagem que tem um papel de articulação entre discurso e cognição. (VEREZZA, 2007, p. 487)

<sup>4</sup> O simbolismo na linguagem kafkaniana reflete uma visão subjetiva e interpreta a realidade de forma subjetiva, idealizada, fechada